

São Tomé e Príncipe e Cabo Verde: uma análise comparativa

Ficha da palestra proferida pelo Doutor Gerhard Seibert na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2 de Dezembro de 2008)

Diego Zonta

Mestrando em História da África
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
E-mail: diegozonta@bol.com.br

Resumo

O antropólogo Gerhard Seibert¹ apresentou no último dia 02 de dezembro, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a conferência “Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Convergências e divergências de duas sociedades crioulas insulares.” Através de uma comparação histórica buscou aclarar os processos que derivaram num desenvolvimento sócio-cultural marcadamente diferente entre os dois arquipélagos. Tal exercício se justifica, segundo o mesmo, não só pelas suas características físicas compartilhadas, mas também por fatores históricos que colocam as que foram as primeiras sociedades crioulas do Atlântico dentro de um mesmo espaço de análise.

Palavras-chave: Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, sociedades crioulas, socialização do atlântico, expansão portuguesa.

O forjar de duas sociedades no Atlântico

Localizadas na costa oeste do continente Africano e não conhecendo, ao que tudo indica, a presença humana fixa anterior à chegada dos navegantes lusos, ambos países são frutos do longo e custoso processo de expansão portuguesa iniciada no século XV; o que levou à presença não só desses, mas também de populações oriundas de diferentes comunidades africanas, chegadas sobre tudo como mão-de-obra escrava.

A emergência dessas sociedades crioulas² sob o domínio português foi marcada por uma presença reduzida de brancos e por uma importante mestiçagem biológica. Essa simbiose, somado à evangelização católica, acabou por constituir sociedades bem diferentes das

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Leiden (Holanda) é atualmente investigador do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) de Lisboa e especialista em Estudos Africanos, em especial no que se refere às questões socio-culturais do desenvolvimento e de identidade.

² Não só no aspecto étnico e lingüístico, mas também cultural.

existentes na parte continental. Durante o período colonial houve sempre uma forte tensão entre os administradores lusos, a igreja católica e as elites locais (crioulas e brancas) que tiveram que lidar constantemente com os saques e pilhagens aos seus portos por estrangeiros. Ambas colônias conheceram tanto as alforrias individuais como coletivas, quando não a fuga de escravos que acabavam se internando no interior das ilhas.

Apesar de todas essas semelhanças encontradas no passado e outras de caráter mais recentes, como a independência alcançada em 1975 e a implantação de um sistema democrático multipartidarista do tipo semipresidencialista (não muito comum em outros países africanos) em 1991, a realidade é que esses dois conjuntos de ilhas possuem características sócio-culturais marcadamente diferentes. No âmbito internacional Cabo Verde apresenta índices de referência internacional bem melhor colocados do que São Tomé e Príncipe.

Tais diferenças, segundo o professor Gerhard Seibert, pode ser explicada por diferenças históricas existentes ao longo do processo de formação dos dois países, somadas em alguma medida também por fatores climáticos e territoriais. Nos primeiros séculos, o clima árido ou semi-árido de Cabo Verde impediu o cultivo em grandes plantações de monoculturas; sua posição geográfica fez com que o comércio crescente de escravos encontrasse, principalmente nas ilhas de Santiago e do Fogo, um ponto importante de interposto para o reabastecimento dos seus navios, além de um mercado mesmo de escravos, nomeadamente de caráter doméstico. Essa situação impulsionou uma economia mais diversificada e especializada na satisfação das necessidades dos que praticavam o tráfico (como a produção de alimentos, de gado, de algodão). A mortandade provocada pela fome, principalmente entre os escravos não era compensada na mesma proporção com a introdução de novos escravos, fazendo com que a porcentagem de negros entre a população de Cabo Verde fosse em decréscimo³. O que não ocorreu com a população de mulatos que, a diferença de São Tomé, sempre foi em aumento⁴. Mas essa não foi a única diferença ocorrida entre os dois arquipélagos: em São Tomé, floresceu uma economia de monocultura (leia-se açúcar) com a utilização massiva de mão-de-obra escrava, criando as condições para a manutenção de uma população relativamente numerosa de negros⁵. Essa estrutura econômica derivada da oposição entre uma economia mais diversificada por um lado, e monocultura por outro, acabou marcando profundamente os dois países.

³ Eram 80% da população em 1582; 15,3% em 1731; 6,9% em 1827 e 5,8% em 1856 (os números citados em todas as notas foram apresentados pelo doutor Gerhard Seibert durante a conferência).

⁴ Mulatos em Cabo Verde: 1731 (29,1%), 1807 (41,5%), 1900 (64,2%), 1940 (64,5%) e 1950 (69,6%). São Tomé: 1807 (3,3%), 1843 (1,5%) e 1950 (7,1%).

⁵ 70% em 1731; 39,7% em 1856 e; 27% em 1875.

No plano cultural, o desenvolvimento do crioulo também apresentou diferenças importantes. Em Cabo Verde – e no entender de G. Seibert – a topografia não permitiu a constituição de comunidades estáveis de escravos fugidos; em contrapartida, tal não sucederia em São Tomé, onde o estabelecimento de quilombos permanentes não só fez florescer diferentes tipos de crioulos (e mais radicais) ao longo do seu território como também uma influência maior das línguas africanas⁶. Essa estrutura proporcionou, depois do colapso do açúcar, uma “re-africanização” de São Tomé que, segundo o professor Seibert *“foi sobretudo genética, mas já não cultural e lingüística, pois, nessa altura, a sociedade e cultura crioulas já se tinham estabelecido.”*⁷

Os dois arquipélagos vão conhecer no século XVII um declínio em seus respectivos sistemas econômicos e que vai se estender até meados do século XIX, quando conhecerão uma recuperação baseada em diferentes modelos. São Tomé vai viver uma segunda colonização com a exploração do cacau e do café. Os forros acabaram perdendo sua autonomia e poder conquistados na ausência dos brancos e cada grupo vai ocupar uma posição bem determinada. Essa rigidez levou à defesa de uma identidade “africana” por parte dos movimentos de independência e formação do Estado de São Tomé, polarizando ainda mais a sociedade entre populações negras de um lado (que eram maioria) e os brancos e mestiços do outro. Já em Cabo Verde, com uma sociedade menos estratificada e a consolidação da pequena propriedade, o que se viu foi o fortalecimento de uma identidade mais crioula e nativista.

Resumindo se pode dizer que a morfologia do território, o clima e as opções históricas influenciaram o modo de ocupação desses dois países, fazendo surgir uma população majoritariamente crioula em Cabo Verde. As condições impróprias para o cultivo da terra e a importância que adquiriu este país como interposto no comércio de escravos forçou o surgimento de uma economia mais diversificada, ao contrário do que São Tomé onde sempre prevaleceu o sistema de monocultura. Mais recentemente a emigração e o surgimento de uma elite nativista e a valorização da educação no processo de formação da identidade nacional acabou por criar também um capital cultural mais diversificado.

A palestra do professor Gerhard Seibert a um público em sua maioria de estudantes de Estudos Africanos foi bastante lucidativa, permitindo uma compreensão mais próxima da realidade desses dois países. O presente como consequência das dinâmicas e respostas às realidades do passado.

⁶ 10% do léxico tem origem africana, contra 1% em Cabo Verde.

⁷ Agradecemos ao professor Gerhard Seibert o esclarecimento deste ponto, proporcionado na altura da redação deste trabalho.